

TRANSFORMANDO-ME PARA TRANSFORMAR

Stellamaris Adelaide de Freitas Cordeiro

Professora Alfabetizadora do Ensino Fundamental da rede de Duque de Caxias, RJ. Membro do Grupo de Pesquisa Educação e Cultura (GPECult), vinculado à Universidade Federal Fluminense (UFF).

<https://lattes.cnpq.br/8137220692303619>

<https://orcid.org/0009-0002-4509-981X>

E-mail: stellamaris.adelaide.cordeiro@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/BJE-2025.V3N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/BJE-2025.V3N1-04>

RESUMO: O presente trabalho foi desenvolvido a partir do incentivo da professora Janiara e das leituras realizadas no Grupo de Pesquisas em Educação e Cultura (GPECult), certificado pelo CNPq desde 2021, criado e liderado pelo professor Willian de Goes Ribeiro, vinculado à Universidade Federal Fluminense (UFF). A participação neste estimado grupo de pesquisa sob orientações do seu coordenador supracitado, tem contribuído significativamente ao meu fazer pedagógico dentro e fora da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Cultura. Alfabetização.

TRANSFORMING ME TO TRANSFORM

ABSTRACT: This work was developed based on the encouragement of Professor Janiara and readings carried out in the Education and Culture Research Group (GPECult), certified by CNPq since 2021, created and led by Professor Willian de Goes Ribeiro, linked to the Fluminense Federal University (UFF). Participation in this esteemed research group under the guidance of its aforementioned coordinator has contributed significantly to my pedagogical work inside and outside the school.

KEYWORDS: Education. Culture. Literacy.

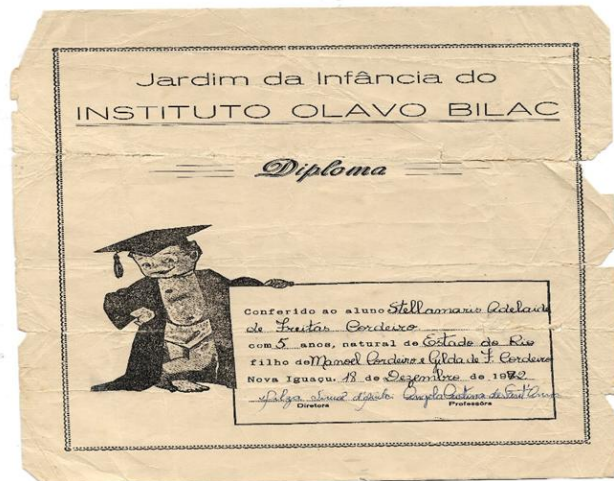
AUTOBIOGRAFIA DESTA PROFESSORA

Venho de uma família que orientou toda a minha prática leitora e contribuiu e orientou para a minha profissão. Nasci e fui criada no Município de Nova Iguaçu terra dos laranjais, meu pai não tinha passado do antigo admissional que hoje corresponderia ao 6º ano de escolaridade e minha mãe tinha ficado retida no último ano de formação de professores, porém sempre incentivaram o estudo tanto meu como do meu irmão dizendo o estudo é algo que ninguém pode tirar de vocês.

Fui matriculada em uma escola “particular” aos 3 anos município que residia, pois, meu pai tinha um emprego de taifeiro que permitia ter bolsa de estudos para os filhos, porém se tínhamos eu o meu irmão direito a esse benefício era por que tínhamos que nos sacrificar em ter papai ausente de nossas vidas por muito tempo, ele era taifeiro e vivia

viajando e nos comunicávamos através de cartas, as vezes o único momento que tínhamos sua presença era nas férias anuais dele.

Imagem 1: diploma de conclusão do Jardim de Infância.



Fonte: arquivo pessoal da autora

Sempre fui a aluna muito inquieta, “faladeira” e as professoras sempre sabiam quando recebia as cartas do meu pai, pois nesses momentos ficava quieta e não queria brincar, minha mãe por sua vez nos incentivava os estudos, toda vez que eramos aprovados na escola ela ia conosco até as bancas de jornais do bairro e nos presenteava com gibis. Meu pai como “vivía” mais tempo no mar do que conosco sempre nos dizia que sua distração era ler então em suas férias nos trazia as revistas que seriam descartadas do navio e isso nos causava muita alegria e nossas primeiras leituras foram feitas com revistas e gibis.

Tivemos uma infância rica de brincadeiras de ruas (amarelinha, pique-esconde, bandeirinha e queimada) e também com jogos de tabuleiro, jogos da memória e quebra-cabeça que nos eram presenteados no Natal e nos aniversários. Porém minha relação com escola sempre foi muito conflitante pois era uma escola rígida na disciplina eu era muito inquieta, adorava perguntar e tinha noção que minha inquietude incomodava os professores, por outro lado ficava muito na casa da minha avó, pois meu irmão apresentava uma saúde debilitada sempre necessitando de cuidados médicos e tinha um tio que me recordo bem que sempre ficava ao meu lado perguntando o que você aprendeu hoje na escola? para que está aprendendo isso? onde irá utilizar isso? naquele momento aquelas colocações dele me incomodava e se tinha já uma inquietude esses

questionamentos me deixavam mais inquietas no ensino fundamental então precisava de estímulos constantemente para ficar sentada durante o período da aula ficava desenhando durante as aulas, ou levava escondida meus livros ou gibis que se fossem “descobertos” seriam retirados de mim e só seriam devolvidos mediante a presença de minha mãe, porém logo que chegava em casa, ia fazer meus deveres e adorava ouvir música.

E quando fui para o antigo 2º grau veio junto um conflito muito grande pois queria fazer curso técnico e minha mãe insistia para eu fazer formação de professores. Logo no 1º ano vieram inúmeros conflitos com a escola achava chato toda aquela teoria e os questionamentos do meu tio me fizeram acordar para a realidade escolar e a entrada na puberdade, iniciei a formação de professores e o conflito continuava, fiquei algumas semanas no curso técnico de química e logo desisti devido a muita teoria e pouca prática então minha mãe e meu pai fizeram um acordo se eu me formasse em professora poderia fazer depois o curso que quisesse. logo que iniciei a formação de professores fui convidada por uma colega de classe para estagiar em uma escola de um bairro próximo, era uma um jardim de infância “A Patotinha do Petetê” e nessa escola me achei a diretora logo gostou da minha presença pois com as crianças me sentia muito bem, nesse jardim havia muitas plantas e árvores e como brincávamos com as plantas, era um ambiente muito acolhedor e propício ao desenvolvimento infantil, quase não realizávamos trabalhos em folhinha, vivíamos fazendo coisas de crianças, brincando, cantando e fazendo desenhos com giz no chão ou giz de cera, ali me encantei e decidi que precisava continuar no magistério, me sentia viva e como a diretora dessa escola me incentivava tanto na profissão como no meu lado leitor e me deu um livro de Piaget para ler como fiquei admirada com sua teoria do desenvolvimento mental.

E o país tomava um outro direcionamento político, a ditadura militar estava chegando ao fim. Me lembro muito de passear indo e voltando da Escola pelas ruas do município de Nova Iguaçu e ver as laranjas sendo comercializadas ao ar livre em grandes caixotes, das festas e casamento sendo realizados na Associação Rural de Nova Iguaçu local que hoje fica próximo ao viaduto e na Esquina da Via light no coração de Nova Iguaçu.

Imagem 2: fotografia com a minha primeira turma da Educação Infantil na escola Patotinha do Petetê, em 1983, ano da conclusão do ensino normal, quando eu tinha 16 anos.



Fonte: arquivo pessoal da autora

O contato com essa obra foi marcante para o meu desenvolvimento intelectual e pedagógico, porém as inquietudes continuavam e percebi que não suportava aquela Educação bancária que Paulo Freire menciona em suas obras. Queria fazer diferente, porém não sabia que poderia e nem como. Decidi retornar e fazer o meu curso técnico de química, precisava experimentar e experienciar, porém obtive o diploma, porém nunca consegui estágio na área acho que meu caminho já tinha uma direção o magistério.

Decidi fazer Ciências Biológicas, porém se iniciei acabei perdendo o emprego que tanto amava, pois a licenciatura que escolhi não contemplava e não poderia continuar com o estágio no jardim de infância.

Fui muito difícil o início do curso pois havia todo o tempo estudado para passar de ano, e o estudo universitário foi um reaprender a estudar, com isso comecei a rever tudo que havia aprendido, conclui em 1991 a faculdade de Ciências Biológicas e eu meu irmão. Porém sabia que não queria repassar essa prática limitadora do aprender para meus alunos, trabalhei vários anos na rede privada e em 1997 fiz concurso para a Rede Estadual e não pude tomar posse pois estava grávida da minha filha e era uma gravidez de risco e tive que pedir adiamento de posse, só consegui tomar posse em 1998, no colégio que se localizava justamente em frente à Escola onde havia iniciado a minha carreira.

Porém a inquietude continuava e comecei a fazer cursos para melhorar a minha prática pedagógica fiz especialização, e fui chamada na sala da diretora para uma conversa. E nessa conversa ela elogiou o meu trabalho principalmente com os alunos ditos “difíceis” entendi que a minha inquietude conversava com eles e comecei a elaborar

projetos na área de ciências. Porém meu marco referencial foi quando passei para o concurso da Prefeitura de Duque de Caxias, fui para Escola Professora Carmem Corrêa, ali tive a oportunidade de “aprender” e colocar em prática toda minha inquietude tive muitos colegas que me auxiliaram fiz curso, e quando fui para a sala de leitura o meu lado leitor veio a tona ,era um projeto e que realmente funcionava, tínhamos inúmeras oficinas de capacitação e o trabalho era o incentivo à leitura por prazer.

Me encontrei e por outro lado existia inúmeros projetos que a Escola desenvolvia, foi muito prazeroso costume dizer que ali foi minha verdadeira Escola de aprendizagem tanto por parte dos colegas que muito auxiliaram como pelos alunos que viviam muitas dificuldades por ser uma comunidade que apresentava diversos problemas: violência, falta de recursos etc. porém o que sempre ouvi nos corredores através dos colegas era a Escola precisa ser um local prazeroso, e que seja um referencial e aquela Escola era.

Quando decidi sair de lá no concurso de remanejamento devido à distância e a violência não foi sem dor porém com um grande sentimento de gratidão por tudo que ali vivi e aprendi.

PROFESSORA E PESQUISADORA

Tive o privilégio de fazer aulas de dança do ventre a fim de exercitar minha mente e corpo, entre outras atividades como Yoga e alongamento que zelo por manter. Nesta oportunidade conheci a professora Janiara, a quem chamamos respeitosamente por ‘Jani’ e recordo-me que estávamos às vésperas do dia dos professores quando o assunto surgiu em aula. Foi ao som do Derbak¹ que começamos a conversar sobre a importância da cultura, ou melhor, das culturas. E no decorrer do diálogo, a associação das culturas à educação. Como consequência, começamos a falar de práticas de ensino nas diferentes áreas e fases de aprendizagem.

Nossos diálogos foram se aproximando e tive a oportunidade de compartilhar projetos com a professora Jani. Nesta ocasião ela me convidou a apresentar um dos projetos no XVI SIAT – Seminário Internacional Analítico de Temas Interdisciplinares e VIII SERPRO – Seminário de Pesquisa Inovadora na/para Formação de Professores, cujo

¹ Instrumento musical tradicional nas músicas árabes

tema em 2023 foi “Inteligência Artificial, Direitos Humanos, Inovação e Sustentabilidade” e a Jani uma das palestrantes. O evento realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, organizado pela professora Cristina Novikoff, amiga da Jani, quem me recebeu com muita atenção e cordialidade. Tratou-se de uma apresentação oral acerca do projeto “Paz e Amor”² que implementei no ano anterior, sucedendo o retorno das aulas após a pandemia da Covid-19. Em seguida Jani me convidou a compartilhar a experiência aos seus alunos que faziam o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID no Instituto de Educação em Angra dos Reis da Universidade Federal Fluminense (IEAR/UFF). Devido ao meu interesse em progredir com estudos a fim de nomear as práticas que estava desenvolvendo, surgiu o convite para assistir como ouvinte a um dos encontros do GECult. Assim iniciei em 2023 e na Jornada Acadêmica deste ano tive a honra de receber o convite do professor William de Goes Ribeiro, coordenador do grupo, para apresentar meu projeto e a prática na escola.

Ao ingressar no GPECult pude vivenciar que o professor interessado a ser também pesquisador é o que busca, verdadeiramente, a oportunidade da prática reflexiva e está dedicado a aprimorar o seu fazer docente.

Hoje entendo que a pesquisa por meio da leitura de autores reconhecidos em suas epistemologias, os encontros para debates acerca de temas selecionados previamente, as trocas de experiências com outros profissionais e demais atividades de pesquisa são ações que comprometem o professor na sua própria formação que deve ser continuada, em busca do questionamento contínuo, das críticas e novos conhecimentos. Portanto acredito e incentivo que os educadores trilhem em busca da pesquisa a fim de aprimorarem práticas.

² Trabalho disponível nos anais do evento <https://www.even3.com.br/xvi-siat-viii-serpro-345298/> Acesso em nov 2024

Imagem 3: Leitura do livro Ernesto, de Blandina Franco, e confecção do personagem com os alunos.



Fonte da imagem 2: arquivo pessoal da autora

Escolhi “Ernesto” para ler para as crianças exatamente porque alguns disseram que ele seria “esquisito” ou porque tem a capa feia. Embora eu prefira que as crianças selecionem as leituras, desta vez foi proposital. Foi importante entender com as crianças o que é ser esquisito (em língua portuguesa), ou que causa estranhamento, o atípico, fora da normalidade, anormal, diferente, misterioso. Quantos adjetivos surgem, além das expressões faciais e corporais das crianças que julgam o estranhamento da imagem de “Ernesto”

O cuidado da leitura foi o de levar as crianças a observarem que às vezes as pessoas dizem coisas sobre as outras que muitas vezes desconhecem ou usam termos que nem sabem o que significa.

Foi o que as crianças observaram com “Ernesto”: as pessoas não gostavam dele por ele não ser igual aos outros, fazendo-o isolar-se e sentir-se sozinho. Porém ao conhecer o personagem as crianças se surpreendem!

Trouxe este exemplo à tona para expressar como o conhecimento sobre diferença, diversidade e inclusão foram temas tratados nos encontros do GPECult e me aprimoraram o conhecimento, ampliando meu repertório cultural com reflexo em sala de aula.

Ler sobre Um Entre o Outro e Eu: do estranho e da alteridade na educação ³ apresentou-me questões acerca do conceito do estranho oportunizando a de injunções político pedagógicas do que é estranho na perspectiva da educação.

Esta inquietação da problemática da relação entre o eu e o outro na nossa sociedade foi um dos pontos de observação numa das falas do prof. William de Goes Ribeiro que me levaram a buscar leituras para tentar entender esta manifestação do estranho. A partir de então buscar conhecer o conceito que muito ele cita que é o da alteridade e a partir desta reflexão, vir a pesquisar sobre esta forma de visibilidade e sua relação de si e para com outro.

Esta motivação volta a refletir em sala de aula em razão de ter alunos com deficiência e, entre eles, um dos que está contribuindo com ilustrações à confecção do meu primeiro livro de literatura infantil o qual almejo desenvolver a narrativa entendendo a necessidade de pensar na educação e na cultura, suas presentes formas de estranhamento na escola e como atuar a fim de promover a reflexão das crianças a partir do ensino fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Necessitamos conhecer novidades diariamente para que possamos viver com motivação e alegria. As boas novas renovam energias para a vida e, não diferente, as novidades na nossa profissão nos revigoram para a nossa atuação laboral. Porém conhecer e não executar é tempo desperdiçado. Seja para concordar, discordar e, praticar ou exercitar em direção contrária: o novo deve trazer impactos e reações que refletem nos que ambientes em que participamos e nas pessoas com quem interagimos.

Inicialmente o título deste trabalho seria “Transformando-se para transformar”, mas, revisei e pensei que a transformação é minha. Logo, como professora alfabetizadora que sou, o pronome oblíquo a se empregar é o “me” e, desta forma, fechei o título deste ensaio que visou apresentar a minha trajetória, meu ingresso como docente, educadora e atualmente pesquisadora que reconhece a necessidade de uma transformação contínua

³ Disponível em <https://www.scielo.br/j/edreal/a/jbKbfqv4sgG6S4McGBTc5xy/?format=pdf&lang=pt> Acesso em nov 2024

para que possa impactar positivamente nos processos pedagógicos dentro ou fora de sala de aula.

REFERÊNCIAS

MEDEIROS, Janiara de Lima (Org.). **Fábulas para ler além da escola**. 1ª edição. Itapiranga: Editora Schreiber, 2024. 124 p. E-book disponível em: <https://www.editoraschreiber.com/livros/f%C3%A1bulas-para-se-ler-al%C3%A9m-da-escola> Acessado em abril de 2024.

MEDEIROS, Janiara de Lima. **Formação para o Trabalho x Formação para a Vida: do princípio educativo do trabalho à educação emancipatória**. Maurício: Novas Edições Acadêmicas, 2019.

MEDEIROS, Janiara de Lima. **Professora? Por quê?** Em *Amplamente: diálogos e experiências*. 1ª Edição. Vol. 1, Natal, Editora Amplamente: 2024, p. 47-50. Disponível em: <https://www.amplamentecursos.com/dialogos-e-experiencias>. Acessado em agosto de 2024

MEDEIROS, Janiara de Lima Medeiros. **8º encontro presencial do LEEI - Leitura e Escrita na Educação Infantil**, realizado em 08 de agosto de 2024 na Casa do Professor – SEMED Nova Iguaçu. Programa desenvolvido no âmbito do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, instituído pelo Decreto Federal nº 11.556, de 12 de junho de 2023. Disponível em <https://lepi.fae.ufmg.br/leei/> Acessado em agosto de 2024.

RIBEIRO, William de Goes. **Cultura e Educação**. Reunião de estudos do Grupo de Pesquisa em Educação e Cultura (GPECULT), realizada em 26 de outubro de 2024. Web site <https://gpecult.com.br/noticias/> Acesso em outubro de 2024.